ESPORTES

FUTEBOL Craque se despede da seleção portuguesa após marcar em 46 estádios contra 37 seleções e dois capítulos em Brasília: no Bezerrão e no Mané Garrincha

O mundo de CR7 em 146 gols

VICTOR PARRINI

O "tudo que é bom dura pouco" de Cristiano Ronaldo com a seleção portuguesa durou 23 anos. Mais precisamente, 234 partidas e 146 gols. Tempo suficiente para marcar gerações, conquistar a Europa, desafiar recordes e transformar estádios de diferentes continentes em testemunhas de uma carreira extraordinária. Brasília também está no mapa da história do craque com Portugal. A capital estendeu o tapete verde para o gajo em dois momentos distintos: no Bezerrão, em 2008, ele esteve em campo na goleada do Brasil de Kaká por 6 x 2 sobre Portugal. Seis anos depois, no Mané Garrincha, marcou contra Gana na Copa do Mundo.

Quando esteve no Bezerrão, em 2008, Cristiano Ronaldo estava próximo de se tornar melhor do mundo, mas ainda buscava conduzir Portugal a grandes conquistas. Em 2014, no Mané Garrincha, chegou ao Brasil como referência de uma seleção que depositava nele as esperanças de uma boa campanha no Mundial. O gol contra Gana foi o único do português naquela edição, na vitória por 2 x 1. Portugal, porém, acabou eliminado ainda na fase de grupos.

A história que passou por Brasília havia começado 11 anos antes. Em 20 de agosto de 2003, um jovem de 18 anos vestiu pela primeira vez a camisa principal de Portugal. Em Chaves, no amistoso contra o Cazaquistão, Luiz Felipe Scolari promoveu a entrada de Cristiano Ronaldo no intervalo, justamente no lugar de Luís Figo, um dos grandes símbolos da seleção. Portugal venceu por 1 x 0. Era o primeiro capítulo de uma trajetória que atravessaria mais de duas décadas e mudaria o patamar do futebol português.

A ascensão foi rápida. Menos de um ano depois da estreia, Cristiano Ronaldo disputava a primeira grande competição pela seleção principal. Na Eurocopa de 2004, em casa, marcou dois gols e ajudou Portugal a chegar à decisão. O desfecho, porém, ficou longe do roteiro esperado: diante da Grécia, os anfitriões perderam por 1 x 0 e viram escapar a oportunidade de conquistar o primeiro título continental. Dois anos depois, na Copa do Mundo da Alemanha, o camisa 17 participou da campanha que levou os portugueses ao quarto lugar, o melhor resultado do país no torneio desde 1966.

A espera pelo primeiro grande título terminou em 2016. Doze anos depois de ver a Grécia frustrar a festa portuguesa em casa, Cristiano Ronaldo finalmente ergueu a taça da Eurocopa. A conquista na França teve contornos dramáticos. Capitão e principal referência da equipe, o camisa 7 deixou a final ainda no primeiro tempo, aos 25 minutos, após sofrer uma lesão no joelho. Do lado de fora, porém, não deixou de comandar os companheiros. Portugal venceu os anfitriões por 1 x 0, na prorrogação, com gol de Éder, e alcançou o maior feito de sua história até então. Mais tarde, o português ainda conquistaria a Liga das Nações em 2019 e 2025.

A Copa do Mundo, entretanto, permaneceu como uma das lacunas da trajetória. O quarto lugar em 2006 continuou sendo a melhor campanha de Cristiano Ronaldo no torneio. Nas edições seguintes, Portugal caiu nas oitavas de final em 2010 e 2018, foi eliminado na fase de grupos em 2014 e chegou às quartas em 2022. O Mundial disputado no Brasil, justamente aquele que teve Brasília como um dos palcos da passagem do craque, terminou sem a classificação portuguesa para o mata-mata.

A dimensão da trajetória também pode ser medida pelos lugares em que o camisa 7 deixou marcas. Ao longo dos 23 anos pela seleção, Cristiano Ronaldo marcou em 46 estádios diferentes, espalhados por diversos países. A maior parte dos gols, naturalmente, ficou em casa. O Estádio da Luz, em Lisboa, é o palco mais frequentado pelo faro artilheiro do português, com 16 bolas na rede. José Alvalade e Estádio Algarve aparecem logo atrás, com 13 cada. Brasília também integra esse mapa, com o gol anotado no Mané Garrincha.

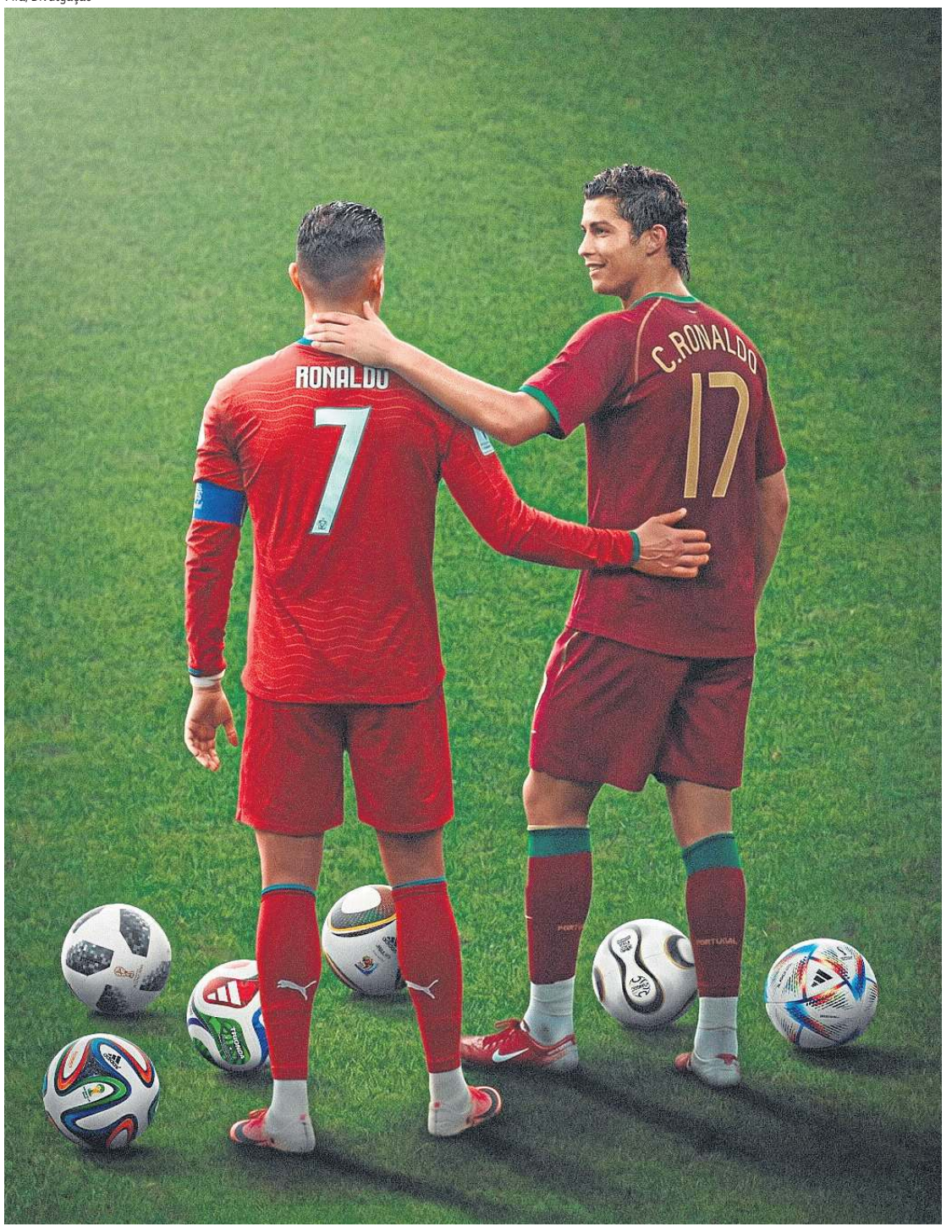
O impacto do atacante aparece ainda nos resultados construídos quando balançou as redes. Nas 96 partidas em que marcou pela seleção, Portugal conquistou 83 vitórias, empatou sete vezes e perdeu apenas seis. Em outras palavras, os portugueses saíram vencedores em mais de oito de cada 10 jogos nos quais o camisa 7 deixou sua marca.

Entre as seleções que mais sofreram com o faro artilheiro do português, Luxemburgo ocupa o primeiro lugar. Foram 11 gols, distribuídos por diferentes momentos da carreira. Lituânia, com sete, e Armênia, com seis, aparecem na sequência. Andorra, com cinco, também figura entre as principais vítimas do maior goleador da história do futebol de seleções.

A despedida, porém, não terá o roteiro habitual de uma carreira desse tamanho. Não há uma partida de despedida anunciada. O adeus acontece em meio ao desgaste com Jorge Jesus, com quem o atacante não pretende voltar a trabalhar. O treinador queria contar com o camisa 7 na próxima convocação e chegou a pedir que ele continuasse. CR7, no entanto, decidiu antecipar a saída às vésperas da divulgação da lista.

O fim da história com Portugal não representa o encerramento da trajetória nos gramados. Aos 41 anos, segue em atividade pelo Al-Nassr, da Arábia Saudita, e persegue a marca de mil gols oficiais na carreira. São 985 bolas na rede, 15 a menos que o número redondo.

Fifa/Divulgação



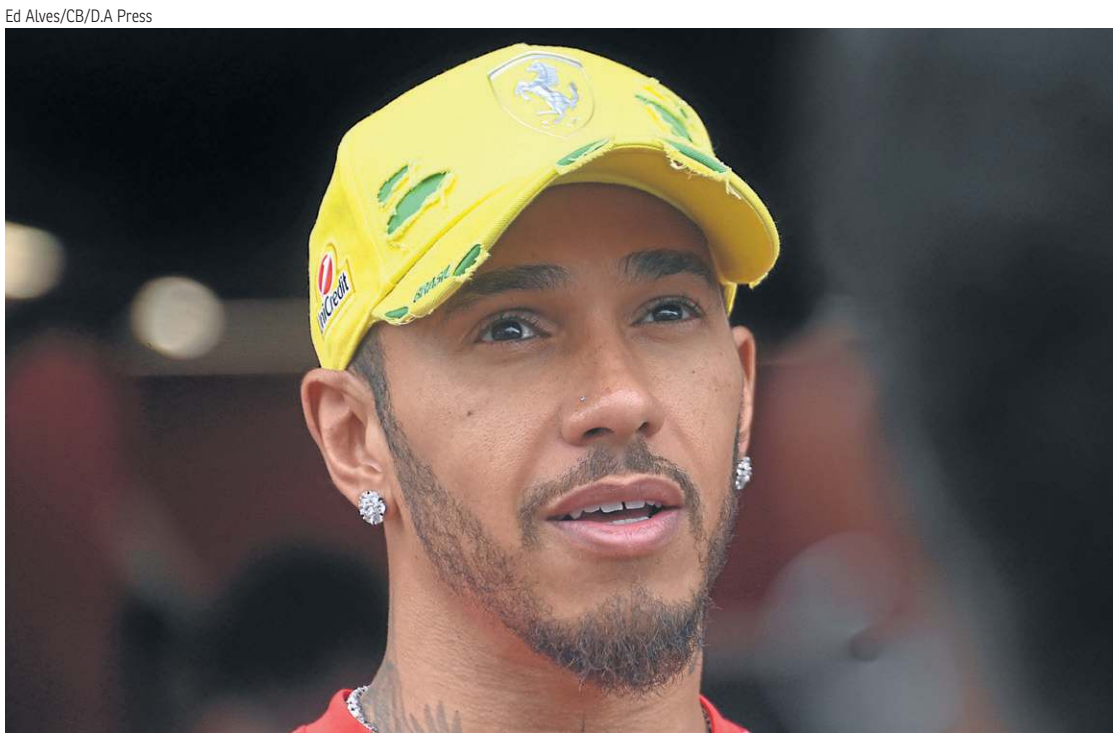
Cristiano se despede da seleção e ostenta o feito de único jogador a marcar em seis edições diferentes de Copas

FÓRMULA 1

Hamilton expõe crise na Ferrari e cobra Leclerc

ED ALVES

Ed Alves/CB/D.A Press



Lewis Hamilton afirmou que não pretende mudar e que continuará cobrando mudanças dentro da Ferrari

Ed Alves/CB/D.A Press



Agenda de Hamilton na capital paulista contempla ações sociais

São Paulo — A passagem de Lewis Hamilton por Interlagos para o Grande Prêmio de São Paulo de Fórmula 1 começou em meio a cobranças dentro da Ferrari. Insatisfeito com o comportamento de Charles Leclerc nas disputas recentes na pista, o heptacampeão mundial voltou a criticar a postura do companheiro de equipe. O britânico entende que o monegasco adota uma postura mais agressiva quando disputa posição com ele e defende uma conversa interna para evitar novos episódios.

No primeiro encontro com a imprensa antes da etapa brasileira, Hamilton relembrou o incidente no Grande Prêmio do México, na semana passada. Na ocasião, o inglês largou da pole position, enquanto Leclerc partiu do terceiro lugar. Nas primeiras curvas, o monegasco avançou sobre o companheiro, cortou caminho para assumir a liderança e abriu espaço para Max Verstappen ultrapassar Hamilton. Leclerc recebeu uma punição de cinco segundos pela manobra, e a Ferrari viu escapar uma oportunidade de vitória.

Hamilton comparou a situação com uma disputa anterior entre os pilotos em Singapura, quando, segundo ele, Leclerc teve uma postura diferente diante de uma oportunidade de ultrapassagem. "Eu vejo o que vocês veem. Em Singapura, ele estava totalmente por dentro na curva 1, tinha conquistado a liderança e aliviou. Foi, definitivamente, diferente", afirmou o britânico.

O piloto não escondeu a frustração com o resultado no México. Para ele, a Ferrari tinha condições de conquistar uma dobradinha e desperdiçou uma oportunidade importante depois de uma sequência de evolução no desempenho do carro.

O atrito entre Hamilton e Leclerc, porém, não começou no México. Os dois haviam protagonizado disputas acirradas em outras etapas da temporada, como Holanda, Itália e China. Na corrida italiana, o monegasco chegou a admitir que os pilotos foram longe demais na briga por posição. O britânico cobrou maturidade do companheiro e defendeu conversas mais profundas nos bastidores.

"Cada decisão que você toma no carro impacta todas as pessoas que trabalham nos bastidores para toda a equipe. Trabalhar em equipe faz parte do nosso trabalho e do nosso contrato. É uma pena ver essa situação se deteriorar. Isso só não vai continuar se medidas forem tomadas, se uma conversa séria e profunda for realizada", defendeu.

A tensão na garagem da Ferrari contrasta com outro compromisso assumido por Hamilton durante a passagem por São Paulo. Na quarta-feira, o britânico visitou o Centro Educacional Assistencial Profissionalizante (Ceap) para oficializar uma parceria entre a instituição e a Mission 44, organização fundada por ele.

A iniciativa prevê o financiamento de um curso voltado à formação de jovens para empregos verdes, ligados à sustentabilidade e à proteção do meio ambiente. A formação deverá atender mais de 100 estudantes a partir do próximo ano.

A parceria com a Mission 44 amplia o trabalho da instituição na preparação de jovens em situação de vulnerabilidade social para o mercado de trabalho.

JUDÔ

Guilherme, do kimono maior que ele ao sonho olímpico

MARCOS PAULO LIMA

Arquivo pessoal



Aos 14 anos, Guilherme Mazzilli dedica 20 horas semanais ao judô

O kimono era maior do que ele. Mas a vontade de vestir o manto de judoca não cabia na espera. Aos dois anos, Guilherme Mazzilli observava os alunos mais velhos seguirem para as aulas de judô e insistia em participar. A idade mínima para começar era três anos. Precisou aguardar mais 12 meses. Assim que completou a idade exigida, entrou no tatame da própria escola. Aos 14, o brasiliense troca o tamanho da farda pela dimensão de um sonho: conquistar o ouro olímpico.

Entre aquele primeiro contato com a modalidade e o presente, algumas transformações. A curiosidade de criança deu lugar à rotina de atleta, com aproximadamente 20 horas semanais de preparação.

Em 2026, Guilherme conquistou os títulos estadual e regional, da Copa Minas, da Etapa Ranking e da Etapa Circuito. Também foi campeão dos Jogos Escolares do DF. No cenário nacional, terminou como vice-campeão da Série Prata dos Jogos Escolares Brasileiros e pendurou a medalha de prata no pescoço no Campeonato Brasileiro Sub-15.

O vice-campeonato brasileiro é, segundo o judoca, o momento mais marcante da trajetória. Foram combates exigentes contra adversários fortes, em uma competição na qual ele foi colocado à prova na preparação e na capacidade de superação.

"Essa medalha de prata representa os desafios que superei e toda a dedicação para chegar até ali. Essa conquista fortaleceu a minha confiança e mostrou que, com foco, esforço e persistência, posso ir cada vez mais longe", comemora.

O calendário não dá muito espaço para comemorações prolongadas. Guilherme tem dois novos desafios pela frente: está classificado para o Troféu Brasil e o Campeonato Pan-Americano das categorias de base. O evneto será disputado dos dias 26 a 30 deste mês, em Cancún, no México. No torneio internacional, ele terá a oportunidade de representar o país e medir forças com atletas de outras nações.

A preparação exige uma estrutura além das aulas de judô. O brasiliense participa de treinamentos técnicos diariamente, faz preparação física três vezes por semana e conta com acompanhamento semanal de psicóloga, fisioterapeuta e nutricionista. São cerca de 20 horas dedicadas ao esporte. A agenda também reserva espaço para os estudos.

Guilherme mantém o compromisso com as atividades escolares e apresenta boas notas. Quando as competições coincidem com aulas ou avaliações, recebe apoio acadêmico da Canadian Global School Brasília para conciliar os compromissos esportivos. O desafio é administrar duas jornadas exigentes sem abrir mão de nenhuma delas.

No tatame, o adolescente constrói referências. No cenário internacional, admira o francês Teddy Riner, bicampeão olímpico e um dos maiores nomes da história da modalidade. Entre os brasileiros, acompanha judocas como o conterrâneo Guilherme Schimidt e Arthur Bonato.